

3. Capítulo 2: A saudade

3.1. Em torno das origens: um debate

A etimologia da palavra saudade gerou grandes controvérsias entre estudiosos portugueses. Já os brasileiros que escreveram sobre a saudade contentaram-se apenas em tangenciar o assunto. Mais recentemente, a portuguesa Maria Paula Lamas¹ resumiu muito satisfatoriamente as tentativas de definir uma suposta origem para o conceito: “Na realidade, a saudade está intimamente ligada ao povo português, embora não seja exclusiva deste. No entanto, trata-se de um assunto mais completo do que aparenta à partida. Devido a este fato, muitas têm sido as definições e contradições, múltiplos os contextos e respectivas implicações, sem se conseguir um resultado conclusivo (Lamas, pág.10)”.

Vamos tentar esboçar as duas correntes mais significativas desse debate. De um lado temos os estudiosos que defendem uma origem árabe da palavra saudade como *saudah* e do outro os que afirmam ser a saudade originária do latim *solidad*. No primeiro caso correspondem o brasileiro José Antônio Tobias e o português Antônio Borges de Castro, enquanto no segundo temos a conhecida estudiosa portuguesa D. Carolina Michaelis de Vasconcellos².

Vale aprofundarmos um pouquinho nas possíveis traduções. Para o brasileiro José Antônio Tobias³, que infelizmente não leu nem Joaquim Nabuco, nem Roberto DaMatta, as palavras de outros países como *souvenir* (francês), *sehnsucht* (alemão), *nostalgia* (grego) e *remembrance* (inglês) não traduzem a saudade portuguesa, pois embora o autor reconheça uma certa universalidade na palavra, ele afirma que a saudade está revestida de profundidade em todas as suas acepções. O autor destrincha os termos acima para mostrar a diferença com a saudade. O *sehnsucht* alemão é preso só às pessoas; o *souvenir* francês não depende somente do amor podendo ser ligado à mais antipáticas das coisas, a *nostalgia* grega é somente a falta

¹ Em seu ensaio “Reflexões sobre a saudade”. Impressão José Fernandes Lda. Lisboa, 2003.

² Em sua obra “A Saudade Portuguesa: divagações filosóficas e lítero-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho Saudade Minha – Quando te veria?”.

³ Em seu livro “A saudade: idéia ou sentimento”. AM Edições, São Paulo, 1997.

da pátria e o *remembrance* inglês é a lembrança em geral, com ou sem a presença do amor.

Tobias, embora acredite na origem árabe, que chama de herança possível, nos apresenta ser a palavra *saudah* uma melancolia, padecimento empático, depressão, dor de coração. Não é a tradução perfeita da palavra, mas o autor adverte que nenhum termo começou como saudade, pois tanto o termo quanto o sentimento não nasceram feitos todos de uma vez, mas aos poucos foram entrando na língua portuguesa, até aparecer o que é hoje. Para o autor, no território brasileiro a saudade aparece com mais força no Nordeste e em lugares como Bahia, Ceará, Minas Gerais, que em outras regiões como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Isso se explica pela colonização italiana e alemã divorciando-se da tipicamente portuguesa do Nordeste. Manuel Bandeira corrobora esta idéia em seu poema Evocação do Recife ao dizer numa estrofe: “Atrás da casa ficava a rua da Saudade...” Um lugar onde a saudade é mais sentida, onde aparecem ruas, rios e pontes com seu nome estampado em placas pelo caminho.

Assim, o autor define a saudade como “o sentimento amargosamente gostoso de um amor ausente” (Tobias, pág.28).

O ensaísta português Antônio Borges de Castro⁴ preferiu se aprofundar na língua alemã para mostrar quais palavras seriam necessárias para formar um vocábulo semelhante: “Para traduzir ao alemão este termo, além da já conhecida palavra “*sehnsucht*” (desejo de ver), precisaria unir ainda dois termos, “*heimweh*” (desejo de regresso) e “*wehmut*” (sentimento de dor)” (Castro, pág.12)”. Então, para o bom entendimento da palavra saudade em alemão, seria necessário o amálgama de três termos. Este mesmo autor defende a origem árabe da palavra ao se opor à origem latina, já que esta seria de significado individual.

O ensaísta afirma ser a suposta origem do latim *solitatem* ou *soliditas*, que significam solidão, um erro, já que a saudade se trata de um sentimento coletivo, “não é só de <o> que parte que tem saudades é mais de <os> que ficam, são muitos que sentem a ausência do ente querido” (Castro, pág.15). É através do ditado

⁴ Em seu ensaio “Saudade (ensaio) – Etimologia (árabe); Significação; Antologia”. Tipografia Nunes, Lisboa, 1985.

português “Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem”, que o autor afirma ser a saudade um sentimento coletivo, “pois se é solitário o que parte, não são solitários os que ficam, e, geralmente, estes sentem mais saudades pelo que vai” (Idem). Para corroborar sua tese o autor enfatiza a presença árabe na península ibérica desde o séc. VIII ao XIV, e que muitas palavras portuguesas têm origem árabe como chafariz, enxaqueca, alfazema, fulano e a saudade com suas variantes: saudoso, saudosismo e saudosista.

Lembremos que Joaquim Nabuco, na conferência Camões: the lyric poet⁵, diz — com sua habitual percepção sociológica e cultural — que para se expressar a palavra saudade a alguém de cultura e pensamento anglo-saxão, seria necessário usar quatro palavras: *remembrance, love, grief e longing*. Como se vê, o próprio Nabuco já discordava da simples tradução da palavra somente por *longing*. Para Nabuco, a saudade é mais do que isso e por enquanto, embora seu sentimento seja universal entre os povos, pois todo ser humano tem a capacidade para compreendê-lo e senti-lo, somente a língua portuguesa tem a capacidade de expressar um sentimento de extrema densidade e conteúdo em apenas uma palavra.

O debate acerca da origem da palavra também se acirrou com outro aspecto do termo, se a saudade seria uma expressão particular de uma dada sociedade ou um sentimento universal entre os homens.

Entre os três autores citados acima, somente D. Carolina Michaelis de Vasconcellos defende ser a saudade universal, mas mesmo ela acaba por ceder em sua visão ao dizer que em Portugal a saudade ganhou uma conotação singular. Já Tobias nos diz “Cristalizar o sentimento desses múltiplos e diferentes amores numa só palavra (...) é trabalho de séculos, realizados por uma única gente, as nações de língua portuguesa e pelo povo da Galiza” (Tobias, pág.39). E Castro utiliza uma frase de seu conterrâneo Garret “É porventura o mais doce e delicado termo da língua. A idéia, o sentimento por ela representado, certo que outros países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o é de nenhuma outra língua senão da portuguesa” (Castro, pág.2).

⁵ Conferência realizada no Vassar College, em 1909.

Aqui, como demonstrou DaMatta, cujos argumentos sigo nesta parte, entramos num paradoxo. Se a saudade é um sentimento universal e ao mesmo tempo em nenhuma outra língua, senão a portuguesa, esse sentimento desfruta de uma palavra tão densa cujo escopo seria esgotar todas as dimensões do seu sentido, como atentarmos para o fato de que nossos sentimentos só são sentimentos enquanto se têm as palavras para defini-los? Ou melhor dizendo, a saudade só é saudade e sentida como saudade por que existe essa palavra específica no vocabulário de uma certa nação para que ela possa ser expressada e sentida. Na verdade é a palavra saudade que nos conduz a uma consciência do sentimento e não o sentimento que de alguma forma se descobriu como saudade. A saudade só é possível, porque existe a categoria saudade para senti-la. Por isso, para nós que temos a saudade como categoria nativa, não nos soa tão estranha a afirmação de Garret.

Talvez a saída esteja no que disse o brasileiro Osvaldo Orico⁶, membro da Academia Brasileira de Letras, ao salientar a importância da vocação da palavra saudade, que nos faz sentir o agora, para além de sua suposta origem “verdadeira”, se é um sentimento particular de uma cultura ou de característica universal. Mesmo com esse terceiro olhar ao problema, Orico não resistiu muito em sua posição ao afirmar que “Nenhuma palavra traduz satisfatoriamente o amálgama de sentimentos que é a saudade. Seria preciso nos outros países a elaboração de um conceito que também amalgamasse um mundo de sentimentos em apenas um termo” (Orico, pág12).

Então os três autores citados acima, embora somente um assuma o lado particularista da saudade, acabam por concordar de alguma forma que este sentimento possui uma forte singularidade nas línguas que o contenha em seu vocabulário.

Mas voltemos um pouco na definição de saudade proposta por José Antônio Tobias: “o sentimento amargosamente gostoso de um amor ausente”. O que isto nos remete? Será que o leitor não percebe a estrita relação com o já citado verbete do dicionário? Ambos definem ser a ausência de um amor. Só que enquanto para o filósofo é uma experiência amargosamente gostosa, para o dicionário é o sentimento

⁶ “A saudade Brasileira”. Editora S/A a Noite, Rio de Janeiro, 1948.

melancólico da incompletude. A semelhança aqui é que as duas definições colocam a saudade em relação íntima com um outro sentimento: o amor. Vamos analisar mais de perto esta relação.

3.2. A saudade e o amor

O amor e a saudade são um tema comum entre os poetas e trovadores. Para os parnasianos e românticos, o amor era algo quase que imprescindível a aparecer em seus poemas. Como fazer parte do movimento romântico sem escrever sobre o amor? Seja sobre o amor da carne, profano ou do amor com o ‘a’ maiúsculo, amor platônico, puro e celestial.

Acontece que no Brasil, e acredito também ter sido assim em Portugal, embora eu não tenha pesquisado os românticos portugueses, além da palavra amor aparecer como o conceito por trás do movimento, outra palavra também foi usada e glorificada no mesmo patamar que o amor. Essa palavra era a saudade, muitas vezes aparecendo com o ‘s’ maiúsculo como se fizesse parte do eterno panteão platônico das idéias imutáveis. Como se para nossos poetas glorificar somente o amor não exprimisse o “ser romântico”, mas que fosse necessário sim, glorificar a saudade no mesmo patamar.

Temos exemplos sem fim na poesia e trova tanto brasileira quanto portuguesa⁷. Vamos apenas analisar alguns.

Trova Portuguesa:

O amor e a ausência
Têm por filha a saudade
Eu sustento pai e filha
Bem contra minha vontade.

⁷ Todas as trovas portuguesas foram retiradas da coletânea organizada por Antônio Borges de Castro, já as trovas brasileiras foram selecionadas do livro “Mil Trovas de Amor e Saudade” (vide bibliografia).

Poesia portuguesa

Camões (1524-1580):

Se quero em tanto mal desesperar-me,
não posso, porque Amor e Saudade,
nem licença me dão para matar-me⁸.

Poesia Brasileira

Gonçalves Dias (1823-1864):

Os dois mais puros sentimentos nossos
- A saudade e o amor, - as mais profundas
Das merencórias solidões da terra⁹

Temos uma trova portuguesa, de autor desconhecido, definindo a saudade como filha do amor e da ausência. Isso condiz perfeitamente com o verbete do dicionário e com a definição filosófica de Tobias. Em seqüência Camões, que não requer apresentações, nos põe em pé de igualdade o amor e a saudade, com o ‘a’ e o ‘s’ em maiúsculos. E para não dizer ser isso coisa dos portugueses, Gonçalves Dias também põe saudade e amor em igualdade nos dizendo ser os mais puros dos sentimentos nossos, mas desta vez eles aparecem sem as letras maiúsculas. Para endossar nosso argumento com um poeta mais atual, temos abaixo o brasileiro Bastos Tigres (1882-1957) concordando com a trova portuguesa ao dizer que a saudade tem como mãe – ou pai - o amor:

Um longo olhar que se lança
Uma carta ou uma flor,
Saudade – irmã da esperança,
Saudade – filha do amor¹⁰.

⁸ Elegia 15.

⁹ A sua voz.

¹⁰ Canção da Saudade.

Vimos então que a definição de saudade em relação a outro sentimento, o amor, é algo comum entre os poetas tanto brasileiros quanto portugueses. Não importa se a saudade aparece como filha do amor ou em pé de igualdade com ele, mas sim que estes dois sentimentos estão em íntima relação.

Devemos atentar para o fato de que o amor aqui relacionado à saudade, pelo menos no que tange ao material analisado, é o amor romântico. Amor que é idealizado e exagerado como o sentimento mais importante, senão o único valor da “alma” humana para com a amada.

Tanto o verbete do dicionário quanto a definição de Tobias nos mostraram essa relação, que poderíamos chamar de ato primeiro da existência da saudade. O que aqui está em destaque é que para que a saudade exista é imprescindível a existência anterior da relação pessoal, relação íntima com alguém ou alguma coisa. Relação de tal porte que sua ausência gera saudades. Tobias nos diz “Dos fatos tristes guarda-se recordação, lembrança, mas não saudade, porque outros sentimentos humanos e não o amor são sua seiva (...) A pessoa deve se cercar de amor e deixar a varinha mágica do tempo agir no coração, desta mistura surgirá a saudade. A saudade é um todo, misturado de alegria, desejo e tristeza, por meio da água milagrosa do amor” (Tobias, pág.26).

Mas, ao contrário do amor que tem uma dimensão de individualidade, de “vontade” e desejo próprios do indivíduo como tal, pois ela é sentida de modo intransferível, pelo corpo inclusive, não é assim que ocorre com a saudade. O amor, sobretudo o amor egoísta ou físico, individualiza a pessoa, como ocorre em Romeu e Julieta, Abelardo e Heloísa ou Tristão e Isolda. Já a saudade possui uma dimensão da coletividade. Ela está além dos indivíduos e, assim fazendo, remete ao passado que dissolve e promove uma fusão com a totalidade. A saudade, ao invés de ser mero desejo individual é um sentimento coletivo, e por isso, de dimensão social.

Isso está tão conforme o nosso entendimento social de saudade, que nos soa tão familiar ver uma locução popular brasileira sobre as boas recordações ser chamada de Tempo da Amorosa, que Luís Câmara Cascudo¹¹ nos diz ser o tempo gostoso das boas recordações. Tão familiar com a saudade, pois como veremos mais

¹¹ “Locuções Tradicionais do Brasil”. Editora Global, São Paulo, 2004.

adiante, é o tempo bom de se lembrar. É significativo que um passado bom de ser lembrado apareça com o nome de “amorosa”, relativa ao amor, que já vimos ser uma pré-condição para o surgimento da saudade.

O ensaísta português Antônio Borges de Castro, além do livro que consta na bibliografia, também publicou um livro de provérbios portugueses intitulado *Rumo Certo*. Dos cinco provérbios sobre saudade que recolheu em sua pesquisa de mais de 3000 mil exemplares, dois em particular nos interessam.

Saudade, filha do amor e enteada do engano.

Saudade, eternidade do amor, memória do coração.

Nota-se a semelhança com o assunto tratado nos parágrafos anteriores. Saudade como filha do amor e saudade como memória do coração. Isso nos remete a locução popular brasileira, onde o tempo bom para se recordar é o tempo da amorosa, onde o amor está presente. E da onde vem o amor senão do coração? Então, como diz o provérbio português, a eternidade do amor, a saudade, é um lembrar que passa pelo coração, uma memória do coração.

Estes provérbios estão de acordo com o primeiro texto a ser escrito sobre a saudade que se tem notícia. Tendo El Rei D. Duarte I como autor, no cap. XXV de seu livro o *Leal Conselheiro*, editado em 1438, temos a saudade vista como “um sentido do coração que vem da sensualidade e não da razão”¹².

A esta altura do campeonato podemos afirmar que uma das características da saudade, senão a mais forte, pelo menos sem dúvida alguma vista como pré-condição para a sua existência, é a relação íntima, quase que familiar, que a saudade nutre com o amor.

Mas apenas esta definição não basta para explicar a saudade. Se realmente ela pode ser considerada como uma palavra-síntese, como disse Nelly de Carvalho, acredito ainda faltar outras facetas para uma tentativa de explicação um pouco mais

¹² Esta frase é famosa e fácil de se encontrar como citação ao longo dos textos sobre saudade. O texto na íntegra está no livro “Filosofia da Saudade”. Seleção e organização de Afonso Botelho e Antônio Braz Teixeira. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1986.

completa. É a partir daqui que começamos nossa jornada através da poesia de Olavo Bilac em busca das outras faces da saudade.

3.3. Um sentimento positivo

Na obra do poeta Olavo Bilac aparece umas das principais características que vão definir a saudade – característica que está ligada com a primeira faceta desse sentimento analisada anteriormente. É a idéia de positividade da saudade. O que quero dizer com isso? A saudade possui uma certa aura que a torna especial. É a expressão positiva desse sentimento. Pois se a saudade é filha ou irmã do amor, sem dúvida que é um sentimento gostoso ou bom de se ter. Vamos dizer melhor, a saudade, por estar conectada com o amor, é um sentimento querido. Um sentimento desejado e bem vindo, um sentimento para se gostar.

Isso também se apresentou entre todos os tipos de materiais que coletei, seja nas trovas, poemas, textos, frases e provérbios abordados. O elemento mais comum, que mais apareceu para análise, foi essa idéia da positividade. Mesmo que faça chorar, mesmo que alguém possa sentir tanta saudade que chega a dizer que está morrendo de saudade, mesmo que a saudade venha com um certo amargor pela pessoa amada que não mais voltará; a saudade é sentida pelo lado positivo da felicidade. Entre todos os poetas brasileiros que tive o prazer de pesquisar a saudade é considerado um sentimento positivo, cabendo à lembrança o lado negativo do passado. Nas trovas brasileiras também se percebe esse elemento positivo da saudade. Normalmente quando um poeta fala em seu poema sobre a capacidade da lembrança para trazer dor ou tristeza, em outra estrofe do mesmo ele apresenta a saudade como sentimento da felicidade, que dá prazer e fortifica.

Esse é o modo que temos de transformar a perda e suas conseqüências doloridas em algo positivo, em algo que ajuda a fortificar a pessoa, ao invés de enfraquecê-la. É a positividade da perda que no final sobrevive ao sujeito da perda. É por esta característica positiva da saudade que ela é um valor para a nossa sociedade. Vejamos os poetas:

Olavo Bilac (1865-1918):

São meus versos! Palpita a minha vida
Neles, falenas¹³ que a saudade eleva
De meu seio, e que vão, rompendo a treva,
Encher teus sonhos, pomba adormecida!¹⁴

Manuel Bandeira (1886-1968):

Choras sem compreenderes que a saudade
É um bem maior que a felicidade.
Porque é a felicidade que ficou!

Trova Brasileira:

Eu dou aqui, da saudade,
A minha definição:
- Rastros de felicidade
Deixados no coração.
Ivo dos Santos Castro

ou

A saudade sempre é vida,
Por mais que doa na gente.
Recordar um Bem, querida,
É vivê-lo novamente...
José Lourenço

¹³ Borboleta noturna, no plural.

¹⁴ Via Láctea, XVIII.

No poema de Bilac, as falenas¹⁵ que se elevam de seu seio pela saudade rompem a treva para preencher de sonhos a mulher amada com seus versos. Versos que palpitam de vida. Nada mais positivo do que romper com as trevas. Elemento aterrador e negativo por excelência, já que é considerada a morada do demônio e dos pecadores. Também há a alusão ao que é escuro, desconhecido e por isso, para se temer. Novamente algo negativo. E o que desbrava essa treva é menos os versos palpantes de vida do poeta e mais a saudade que eleva de seu seio.

Para a sociedade, as trevas representam o nada, o indistinto, o inclassificável, aquilo tudo que é considerado confuso, caótico, e desorganizado. No lado do indivíduo seria equivalente à loucura. São exatamente as coisas que nenhuma sociedade pode aceitar. As palavras, e aqui está englobada a saudade, são uma forma de classificar o mundo ao redor do grupo social, ordenar as coisas da natureza que, aparentemente, estão no caos, no nada, no limiar da classificação. Para a sociedade, o não classificado é visto como confuso, caótico, lugar para se ficar longe, ou seja, negativo, ou como analisou Mary Douglas¹⁶, parte dotada de impureza que precisa ser “purificada” por rituais específicos. A saudade, vista aqui como positividade, é quem “purifica” as trevas no poema de Bilac. O desconhecido, o caos, é rompido (na imagem de Bilac) levando borboletas aos sonhos da amada.

Já nas trovas a saudade é vista como vida, esperança, tudo que alimenta. A saudade, então, é vista como o elemento de positividade explicitado acima.

A saudade na poesia brasileira está quase sempre associado com a alegria, já que é um sentimento querido, e por isso pode ser definido como rompedor das trevas, rastros de felicidade ou a recordação de um Bem que é vida. Isso nos remete a frase já citada de Osvaldo Orico onde ele diz que a saudade é palavra viva, palavra que dá vida a tudo que está morto. É tão verdade que mais adiante veremos que a saudade levanta até defuntos de seus jazigos.

Mas aqui nos perguntamos: Por que há esse elemento de positividade na saudade? Por que esse sentimento nos aparece a princípio como o inverso da lembrança, contrário a toda tristeza, dor e sofrimento sentindo pelo prisma negativo?

¹⁵ Ver nota 28.

¹⁶ Purity and Danger – an analysis of concepts of pollution and taboo.

Dois novos aspectos da saudade respondem a essa questão. Um é o elemento mágico da saudade, que nos remete a esfera do sagrado e por isso divina; a outra é a sua capacidade de manipular com qualquer distância aparente, seja temporal ou espacial.

Ao elemento divino não é difícil de se achar uma explicação. Através da positividade desse sentimento, sendo associado a alegria, felicidade e lembrança de um Bem, não nos é estranho encontrar na poesia a saudade revestida de uma aura divina. É a divinização desse sentimento. Em um país religioso como Portugal e católico como o Brasil, nada mais familiar ser a saudade, um sentimento tão querido, divinizado.

Lembrando no tópico mais acima *o tempo querido*, DaMatta percebe que a saudade permite rever, re-visitar e retomar o tempo perdido. Esse tempo de existência que transforma tudo que está morto de volta a vida, como disse Orico. Somente mesmo a mágica ou o milagre para que isso seja passível de ocorrência. E o que é a saudade senão um milagre em nós? Uma mágica do tempo? Elemento mágico do âmbito do sagrado.

Vejamos como isso se reflete em Bilac e nos outros poetas.

Olavo Bilac (1865-1918):

E fulgimos, volvendo à mocidade,
Aureolados dos beijos que tivemos,
No divino milagre da saudade¹⁷.

e

Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,
Beijo divino! e anseio, delirante,
Na perpétua saudade de um minuto...¹⁸

¹⁷ Milagre.

¹⁸ Um Beijo.

e

De onde ouviste o meu grito, que voava,
E sobre as asas trêmulas levava
As preces da saudade?¹⁹

Trova brasileira:

Dos meus cantos de menina,
Tão cheios de amenidade,
Só resta a sombra divina
Desta palavra: Saudade!

Maria Susete M. Cabral

Poesia portuguesa

Camões (1524-1580):

Não é, logo, a saudade
das terras onde nasceu
a carne, mas é do Céu,
daquela santa cidade,
donde esta alma descendeu

Saudade associada com o milagre - vontade divina, que é mais uma expressão de positividade. Na trova está mais explícito ainda. A própria poetisa define a saudade como a sombra divina. E sombra é aquilo que faz parte de uma pessoa. A sombra é uma metáfora para a alma, ou seja, a saudade faz parte do “corpo” de Deus. E temos Camões em um poema sobre Jesus a dizer que Ele sentia saudade da santa

¹⁹ Noite de Inverno.

cidade de onde descendeu. Jesus tanto homem quanto Deus, sentindo saudade de um lugar divino e não humano.

Aqui vale uma nota sobre a noção de alma.

Ouçamos Emile Durkheim. Segundo sua análise, em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, a alma sempre foi considerada como coisa sagrada, opondo-se ao corpo, que é considerado como profano. A alma, então, é uma parte da substância divina, que ao morrer o corpo, volta a se unir com o divino, e dependendo de que cultura estamos falando, ela pode vir a reencarnar como o mesmo ser numa época diferente; deixar de existir; ou esperar um momento até reencarnar em um corpo diferente. Percebemos então, que a alma individual é apenas uma porção da alma coletiva do grupo, ou melhor, da “grande-alma” (seja Deus ou Gaia) ao qual nossas almas individuais fazem parte. “Porque se o grupo não é imortal no sentido absoluto da palavra, é verdade, no entanto, que subsiste aos indivíduos e que renasce e se reencarna em cada nova geração” (Durkheim, [1915], 1989). Ou seja, a alma pode ser entendida como o princípio social, coletivo da vida. O corpo morre e modifica-se, como o indivíduo, mas a alma que exprime o melhor da sociedade, permanece.

Aqui se encaixa a saudade, pois se ela é expressão da alma divina, ela também permanece depois da morte dos indivíduos. A saudade, assim como a memória (como veremos mais a diante) é um sentimento coletivo.

A outra face da resposta reside no fato do elemento positivo da saudade se dar também pela capacidade desse sentimento de poder manipular qualquer distância temporal e espacial existente. A saudade permite uma maior elasticidade ao tempo, tirando-o de sua indiferença física, retirando a passagem “fria” dos anos do calendário e humanizando-o através de uma marcação temporal própria. O tempo passa a ser sentindo de uma forma pessoal e não impessoal, através das lembranças e não dos números em seqüência perfeita do calendário. Um tempo que vai e volta de acordo com a saudade, um tempo mais circular que retilíneo. Muito antes das tecnologias da computação manipularem com o espaço e o tempo na dita era globalizada da contemporaneidade, a saudade já brincava com o instantâneo da lembrança no agora (uma espécie de ao vivo) e do espaço completamente ausente

somente usando o sentimento ao invés de computadores e seus respectivos programas. Uma forma cultural e humana de manipular, pelo lado íntimo da pessoa, toda a distância de tempo e espaço entre a pessoa que sente saudade e a coisa querida, amada.

A capacidade da saudade de reviver o passado, tornar o passado realidade e vivência no real, e não simplesmente um sentimento sem cor como a lembrança, nos remete à felicidade. Pois ela é uma soma de todas as lembranças positivas que formam e conformam a vida de uma pessoa. Seria possível no universo luso-brasileiro uma vida sem saudade? Se houver este caso, certamente seria uma vida insípida e sem sentido, pois para o nosso universo valorativo a saudade tem cor. Na verdade não uma cor ou algumas, mas como num fim de tarde onde o sol brilha nas gotas de chuva, ela é constituída pelo arco-íris inteiro somando-se ao resto do céu e as montanhas ao fundo. Ela é sentida como o passado vivo no presente, ao contrário da lembrança que é sentida somente e unicamente como passado. O lembrar não revive nada²⁰, talvez um pouco de dor, choro e tristeza. Já a saudade revive um amor perdido, um amigo perdido, um familiar já morto.

Trova brasileira:

Saudade – espelho encantado
Que mostra, aos olhos da gente,
Toda a imagem do Passado
Revivendo no Presente...

P. de Petrus

A casa da minha infância...
Um céu de amor e bondade!
Tão ausente, na distância...
Tão presente na saudade!

Lourival Passos

²⁰ Veja uma melhor abordagem deste fato mais adiante no tópico: Memória: saudade x lembrança.

Poesia portuguesa

Fernando Pessoa (1888-1935):

Vive um momento com saudade dele
Já ao vivê-lo...²¹

Duas trovas que demonstram perfeitamente a distância temporal manipulada pelo sentir saudade. E o que dizer de Pessoa ao mostrar que sentir saudade de alguém é já vivê-lo? Esta ausência de algo ou alguém que se torna tão presente na e pela saudade é o que está presente na idéia de saudade como presença da ausência tanto presente na poesia de Olavo Bilac quanto nas reflexões de Alceu Amoroso Lima.

Olavo Bilac (1865-1918):

Conheço um coração, tapera escura,
Casa assombrada, onde andam penitentes
Sombras e ecos de amor, e em que perdura
A saudade, presença dos ausentes.

Trova brasileira:

Depois que você mudou,
Para nunca mais voltar,
Veio a saudade e ficou
Para sempre em seu lugar!...

Geraldo Kersul

Eu sei que foi fantasia,
Mas a saudade me fez,
Em nossa casa vazia,

²¹ Uns Versos Quaisquer.

Ouvir teu riso outra vez...

Mário Peixoto

A trova de Geraldo Kersul nos mostra a clara relação entre presença e saudade. O passado se torna novamente presente na saudade, por isso dizemos que é um acontecimento re-vivido, que é vivido novamente. E o riso que volta a ser ouvido pela saudade de alguém? Aposto que Mário Peixoto sorriu ao ouvir novamente o riso da pessoa que lhe fazia falta. Pois saudade é o re-vivido, é a presença do passado no presente, é a felicidade que ficou. Expressão tão forte desse sentimento, a presença da ausência, que encontramos-la reproduzida na linguagem popular, grafada em um pára-choques de caminhão: “A Saudade é companheira de quem não tem companhia”²².

Vimos que esse fato de re-viver está em concordância com o que chamei acima de redução da distância temporal, mas onde se encaixa o que falei da diminuição ou até mesmo a anulação de toda a distância espacial?

O espaço é algo perturbar quando se ama alguém que mora longe. Ao lembrar de seu amor a pessoa fica triste pela distância que intercala os dois amantes. Mas existe um remédio secular que funciona não como o avião moderno, mas tem suas doses de eficácia: a saudade. Esse remédio manipula com a distância, afrouxado-a para apertar os laços entre os amantes, pois ao sentir saudades de alguém, esse alguém é trazido para perto. Senão em corpo, mas em alma e sentimento. É sentido como se estivesse ao lado da pessoa saudosa. A distância é eliminada, pois como vimos na trova mais acima, lembrar um Bem na saudade é alegria.

A saudade também tem seus espaços e horas característicos. Estando a saudade do lado da casa²³, ela surge em lugares e em horas próximas ao indivíduo como pessoa. É na varanda da casa, no quarto do filho, do avô ou da avó, numa carta à uma pessoa querida e amada, nos túmulos, nas longas viagens quando se está só; esses lugares tão sugestivos a nós para a entrada desse sentimento.

²² Dístico recolhido da obra “Filosofia dos pára-choques”, de Mauro de Almeida.

²³ Veremos o porque disso no tópico: A casa da intimidade.

Assim é possível e de nada estranho para nós existir o Penedo da Saudade²⁴ em Portugal, aonde as pessoas vão de boa vontade para sentir saudade, para se abrirem e permitirem que este sentimento entre pela porta da frente, ao contrário da lembrança, que muitas vezes entra mal vinda pela porta dos fundos de nossa memória.

Veja que esse Penedo da Saudade é tanto espaço quanto tempo preenchido por este sentimento. Um lugar a qual a pessoa é englobada pela saudade, passando a ser sujeito dela e não mais como indivíduo autocentrado que vai para o trabalho ou fazer compras no supermercado.

Embora as trovas e poemas acima também sirvam para explicar a anulação de toda distância no espaço, para terminar, coloco duas trovas brasileiras que não deixam mais dúvidas sobre esse caráter tão especial da saudade.

A distância, na verdade,
Não nos priva desse ardor...
Serve de ponte a saudade
Para estreitar nosso amor.

Carlos Cardoso

A saudade é a ressonância
De certas vozes queridas,
Que nem o tempo e a distância
Impedem de ser ouvidas!...

Tancredo Moraes

3.4. Memória: saudade x lembrança

No tópico anterior ocorreu dizer que a saudade pode ser entendida como o oposto da lembrança. A primeira refletindo toda a felicidade, alegria e prazer enquanto a segunda estaria associada a tristeza e dor. Vejamos o porque disso.

²⁴ Localizado na cidade de Coimbra em Portugal.

A saudade difere do simples lembrar e da lembrança que a memória guarda tanto consciente como inconscientemente. Existem, sem dúvida alguma, muitos acontecimentos que desejamos ardentemente esquecer enquanto outros nos forçamos na tentativa de lembrá-los, mas em vão. A memória é seletiva e guarda somente o que nos marca profundamente e o que fomos treinados para lembrar. Vale lembrar aqui que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Seguindo a corrente durkheimiana com Halbwachs, na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é vista como sonho, livre e espontânea, mas sim como trabalho. “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual²⁵”. A memória, então, é coletiva, já que a memória individual está amarrada à memória do grupo e esta à tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Minha infância é praticamente uma re-criação de meus desejos enquanto adulto misturado com uma pitada de feixes, quase como slides, tirados do fundo da minha memória. Os bons fatos lembrados podem vir a se transformar em saudade, e os fatos ruins e desejados para todo o esquecimento são lembrados por um inconsciente que reluta em esquecê-los, tanto para me ensinar quanto para me chicotear com sua marca. A lembrança está lá, não pode ser deixada de lado, retirada, esquecida, apagada ou, num linguajar mais atual, “deletada”. E a saudade? Também é uma simples lembrança ou possui uma particularidade de lembrar que é especificamente sua?

Como DaMatta (1993)²⁶ salienta, a saudade é embebida de positividade. Arrisco a dizer mais: a saudade é a única lembrança que surge quando queremos, quando a desejamos e estamos abertos e dispostos para a sua chegada. Não quero dizer que a saudade não apareça como um susto ou um fantasma, ou seja, de

²⁵ Bosi, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, [1 ed.1973], 1994.

²⁶ No ensaio visto mais acima *Antropologia da Saudade*, in: Conta de Mentiroso.

surpresa, de repente, de supetão. Mas normalmente e de acordo com esse sentimento, a pessoa se abre para que ela venha, é uma lembrança bem vinda, daí sua conotação positiva. No caso de uma lembrança desagradável que queremos esquecer, ela é causadora de dor e sofrimento, e é tão forte esta dor por dentro que sentimos efeitos físico “reais” ao longo do corpo. Quem nunca teve uma tia ou vizinha que dizia sentir uma dor no peito ao se lembrar de fatos tristes e amargos? Ou uma tia que dizia sentir um “aperto” no peito por causa da saudade? Mas aqui a saudade é sentida como angústia ao invés de dor da tristeza.

Coisa diversa ocorre com a saudade. Ela carrega em seu bojo a felicidade do passado, pois a pessoa se abre de bom grado, sem resistência para que ela venha e se aloje em seu pensamento, mente e corpo. Por um lado podemos ficar horas sentindo saudades e por outro não suportamos um segundo sequer de lembranças doloridas.

Nada como a poesia de Manuel Bandeira (1886-1968) para nos apoiar nesta positividade da saudade:

Choras sem compreenderes que a saudade
É um bem maior que a felicidade.
Porque é a felicidade que ficou!

Ou o verso anônimo português que diz:

Da janela da saudade
Olho o passado à distância
E vejo a felicidade
Ao lado da minha infância

É por isso que atento para o fato da saudade ser uma forma *querida* de sentir o tempo pelas pessoas. Um tempo que é tão “gostoso” e singular que é possível até sentir saudade da saudade. Nos fala Gilka Machado (1893-1980) em seu verso:

Ao teu lado querido

Que saudade da saudade!

Um tempo mais que desejado; um tempo querido, assim como o amado. Ou como analisou DaMatta (1993), mais um tempo de pessoas e de milagres do que um tempo de processos impessoais e máquinas. Ou seja, mais um tempo de dentro; quente; querido; desejado; da casa e menos um tempo de fora; frio; desprezado; da rua.

Mais uma vez apresento Olavo Bilac (1865-1918) com um poema que difere o que é o sentir saudade e o ter lembrança.

Outras paixões, outras idades!
Sejam os nossos corações
Dois relicários de saudades
E recordações²⁷.

Como se pode ver, o poeta nos mostra que o passado pode ser sentido por duas vias: a da saudade e das recordações. Mas aqui ele apenas divide os dois termos ao invés de julgar ser um negativo e outro positivo. Vamos ver como isso aparece em outros poetas brasileiros:

Castro Alves (1847-1871):

Saudades e lembranças s'erguendo —bando alado
—Roçam por mim as asas voando p'ra o passado²⁸.

Machado de Assis (1839-1908):

Sinto em torno de mim a muda natureza
Respirando, como eu, a saudade e a tristeza²⁹

²⁷ Requiescat

²⁸ Álvares de Azevedo.

²⁹ Versos a Corina, VI.

Olavo Bilac (1865-1918):

Noite. Oh! saudade!... A dolorosa rama
Da árvore aflita pelo chão derrama
As folhas, como lágrimas... Lembrar!³⁰

Gonçalves Dias (1823-1864):

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dor³¹.

Os quatro poetas acima também dividem a saudade do simples lembrar. Mas é somente nos dois últimos que temos a associação do lembrar com as lágrimas e a dor. Em Gonçalves Dias temos a saudade associada ao pranto sem dor. Claro! Se fossem lágrimas doloridas, não seriam sem causa, mas sim consequência do lembrar que chicoteia a alma e não da saudade que a embala numa canção de ninar. Vejamos se esta divisão se repete nos poetas portugueses.

Nos Sonetos de Camões (1524-1580):

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades³².

e

³⁰ Ciclo.

³¹ Seus Olhos.

³² Soneto 92.

Onde lembranças mata a longa ausência,
em temeroso mar, em guerra dura,
ali a saudade está segura,
quando mor risco corre a paciência³³.

Fernando Pessoa (1888-1935):

Segue-o minha alma na passagem.
Tênuê lembrança ou saudade,³⁴

Alberto Caeiro³⁵:

Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram³⁶.

Fernando Pessoa e seu heterônimo Alberto Caeiro concordam em separar a saudade da lembrança como os poetas brasileiros expostos acima. Mas quando olhamos para os poemas de Camões vemos que ele define a saudade como elemento positivo do passado, sentido como um bem, e o lembrar com as mágoas, sentido como um mal. Aqui, a saudade aparece ao lado da lembrança, não como irmã de sentimento, mas como prima do passado. A saudade traz esperança enquanto o lembrar é apenas a dor pelo que já passou e se sabe sem retorno.

Por ser positiva e nos fazer lembra de um Bem, a saudade não se trata simplesmente de lembrar o passado. Ela é uma forma de sentir o passado, sem dúvida alguma, mas com características diferentes da pura lembrança. Ela tem a capacidade de curar o passado dolorido, a dor da lembrança.

³³ Soneto 48.

³⁴ Entre o Luar e a Folhagem.

³⁵ Heterônimo de Pessoa.

³⁶ O Guardador de Rebanhos, X.

Embora os poetas possam expressar a lembrança no pólo negativo e a saudade no positivo, devemos atentar para o fato de que a lembrança também pode ser boa, não estando necessariamente no lado negativo. Como vimos mais acima, o lembrar está relacionado à memória. Tanto boas lembranças, quantos as que queremos esquecer estão na esfera da lembrança, mas quando entramos no plano da saudade, a memória passa a ser positiva. Mesmo que seja de algo dolorido do passado, a saudade tem a capacidade de tornar a recordação como um pingente que fica no coração e tem valor positivo ao ser rememorada, como um tesouro que de vez em quando se conta ou confere.

Falar de uma lembrança negativa ou positiva é uma coisa corriqueira da vida pessoal de cada um, mas falar de saudades negativas é algo praticamente impossível pela própria construção da categoria saudade, pois ela transforma as lembranças em um bem para se guardar.

Mais um poema de um brasileiro e a nona canção de Camões a nos mostrar o efeito benéfico da saudade em mágoas passadas.

Gonçalves Dias (1823-1864):

Véu escuro,
 Que nem sempre a ilusão nos adelgaça³⁷,
 Nos encobre os caminhos do futuro.
 O que nos resta pois? – Resta a saudade,
 Que dos passados dias
 De mágoas e alegrias
 Bálamo santo extrai consolador!
 Resta a saudade, que alimenta a vida
 À luz do facho qu adormenta a dor!³⁸

Nona canção de Camões (1524-1580):

³⁷ Tornar-se estreito, diminuir a espessura.

³⁸ A Saudade.

Só com vossas lembranças
me acho seguro e forte
contra o rosto feroz da fera Morte,
e logo se me ajuntam esperanças
com que a frente, tornada mais serena,
torna os tormentos graves
em saudades brandas e suaves.

No primeiro, dos passados dias, tanto de mágoas quanto de alegrias, resta a saudade como bálsamo santo consolador. E no segundo, com a esperança, os tormentos graves das lembranças transformam-se em saudades brandas e suaves. O que mais posso dizer depois desses grandes nomes da poesia luso-brasileira?

Talvez a diferença entre eles. Creio que a partir deste ponto já possamos explicar a sutil diferença entre a forma de expressão da saudade em Portugal e no Brasil.

3.5. Uma sutil diferença

Embora se possa dizer que a saudade é uma herança positiva que recebemos da colonização portuguesa, existem fortes diferenças e algumas semelhanças entre o sentir saudade em Portugal e no Brasil.

Sim, a palavra e a grafia são as mesmas, esta é uma das semelhanças. A saudade como re-vivência do passado também é algo em comum entre esses dois países. Em ambos, esse sentimento é a volta do passado no presente, a presença da ausência. Também se repete a íntima relação da saudade com o amor. Então o que difere?

Em Portugal (e veremos isso com o auxílio de seus poetas) a saudade é mais sofrimento que alegria, é mais dor que prazer, é mais uma re-vivência dolorida do passado, algo para querer longe, que dói e machuca. Osvaldo Orico percebeu bem esta questão: “A saudade portuguesa é mais um “morrer de amor”, triste muita vez e

provoca dor. A brasileira é mais alegre, imaginativa, é mulher moça (...) Saudade que não chora, canta; saudade que não punge, exalta; saudade que não abate, enaltece; saudade que não fere, vivifica” (Orico, pág.44).

E para o brasileiro? O que difere? No Brasil a saudade é sentida e afirmada, sendo glorificada em poemas não pela dor que causa pela falta da amada, mas por ser saudade. Os poetas brasileiros desejam a saudade, os portugueses a querem longe. A saudade é exaltada pelas suas características de re-viver o passado e isto é visto como algo positivo em nossa cultura. A saudade é sempre bem vinda, na verdade, para alguns poetas, ela será mais bem vinda que até o amado. Nos diz Gilka Machado (1893-1980):

Do amor não goza a poesia
 Quem a distância mal diz:
 No tempo em que te não via
 Eu era bem mais feliz.

e

Esta ausência que me excita,
 Tenho-te à minha vontade,
 Numa vontade infinita...
 Distância, sejam bem bendita!
 Bendita sejam, saudade.

Temos a saudade como um bem até melhor que a própria presença da pessoa amada. Ou a distância sendo bem vinda para a poeta, já que esta separação traz a saudade para o poeta. Com isso se diminui o caminho, é um trazer para perto.

Mas voltemos ao ponto. Separei algumas trovas portuguesas para compararmos com as brasileiras, e também alguns poemas de Luís de Camões que nos auxiliarão a entender o lado mais dolorido da saudade em Portugal e o mais positivo no Brasil.

Trovas Portuguesas recolhidas pelo autor Antônio Borges de Castro³⁹:

Meu amor foste pro céu
Gozar mais felicidade.
Pede ao senhor que alivie
A dor da minha saudade!

e

Quem diz: saudades não matam?
- Mas ataca o coração!
Tome amores, viva ausente,
Verá se mata ou não.

e

As saudades, quem puder
Enterre-as logo ao nascer.
Sim, as saudades não matam,
Mas ajudam a morrer.

Podemos já ter uma compreensão melhor do que é a saudade para os portugueses. Essa última trova é significativa, já que o poeta pede para enterrá-las logo ao nascer, para delas não morrer. Se o autor tivesse nacionalidade brasileira, imagino que o poeta pediria para ter saudades logo ao nascer, para aí sim não morrer de desgosto por não tê-las.

Mas vamos aos Sonetos de Camões (1524-1580):

Semearei em vós lembranças tristes,

³⁹ Vide bibliografia

regando-vos com lágrimas saudosas,
e nascerão saudades de meu bem⁴⁰.

e

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
e se torna, não tornam as idades⁴¹.

Ou sua décima Canção:

agora, a saudade do passado
tormento, puro, doce e magoado,
fazia converter estes furores
em magoadas lágrimas de amores.

A saudade é associada às lágrimas, dor e tristeza, ou seja, ao sofrimento. Osvaldo Orico afirma que para os portugueses existe mais poesia em sofrer do que gozar, em esperar do que possuir e nos dá como exemplo o próprio Camões exposto acima, onde Orico acredita que seus sonetos são o exemplo perfeito de uma antologia do sofrimento e submissão à amada, por quem se deprime, se atormenta, se rende e se acaba.

Mas também temos coisas em comum. Mesmo sendo algo dolorido, os portugueses também definem a saudade como sendo um Bem. Prato cheio para a psicologia, onde se apresenta a exaltação do sofrimento como positividade. Isto é o oposto no caso brasileiro, onde a saudade exalta a felicidade e a alegria⁴².

Nas trovas portuguesas:

⁴⁰ Soneto 13.

⁴¹ Soneto 107.

⁴² Claro que temos algumas exceções no caso brasileiro. Na música Peçaço de Mim da autoria de Chico Buarque, temos: “A saudade é o revés de um parto/A saudade é o mero quarto do filho que já morreu/A saudade é o pior castigo/E eu não quero levar comigo/A mortalha do amor, adeus”.

Saudades d'oras felizes?
Julga-se triste o que as tem;
Mais triste é não ter saudades
De nada, nem de ninguém.

Novamente com Camões (1524-1580):

Minha saudade,
caro penhor meu,
a quem direi eu
tamanha verdade?
Na minha vontade,
de noite e de dia
sempre vos teria⁴³.

e

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades⁴⁴.

Como se pode ver herdamos a saudade em parte e transfiguramos o outro lado, ficamos com as características da volta do passado ao presente, re-vivência do passado e com a manipulação da distância espacial e temporal. Também herdamos a saudade como um bem do passado, algo necessário para se pensar o ser⁴⁵. Mas repensamos e re-configuramos o lado que herdamos da negatividade da saudade. Ao invés de recebermos passivamente uma qualidade portuguesa, mudamos seu significado. Em Portugal a saudade é necessária, mas negativa, machuca e corrói aos

⁴³ Redondilha, II Cantiga A este Cantar Velho.

⁴⁴ Soneto 92.

⁴⁵ Em Pessoa a saudade é sentida como existência. Sentimento de quem se vive. “Tenho febre na alma, e, ao ser/Tenho saudade, entre o tédio/Só do que nunca quis ter...”.

poucos, e ainda mata! Mas no Brasil, embora também seja vista como algo necessário, ela não se passa por negativa, ela é positiva, é vangloriada, é desejada, é necessária para o ser, para compreensão e percepção do ser quanto ser brasileiro, dotado de características próprias, intrínsecas e singulares da cultura brasileira. E como veremos mais à frente, em alguns de nossos poetas, ela até revive os mortos.

As diferenças também ocorrem na forma como as duas culturas sentem a passagem do tempo. No Brasil, o tempo da modernidade é sentido de uma forma mais linear e menos tradicional do que em Portugal. O tempo brasileiro contém com mais força a ameaça do esquecimento, da indiferença, característica do tempo linear que permeia a cosmologia moderna. A saudade brasileira, assim, herdaria essa concepção menos linear de tempo, relativamente a Portugal - o tempo ibérico de Freyre. Mas não somente este *tempo-considerado*, mas uma mistura de tempo cíclico com a linearidade moderna. Um tempo, poderíamos dizer, semi-cíclico, onde o medo do esquecimento gradual pelos anos e datas festivas que se repetem é apaziguado pela saudade que marca na memória da pessoa acontecimentos que são revividos pelos sentir saudade. Um tempo que está no meio dessas duas correntes de *tempo-considerado*, a ponte sugerida por DaMatta (1993).

As semelhanças são mais que o suficiente para chamarmos de saudade o que se sente em Portugal e no Brasil com um único termo. Mas isso só parece certo até analisarmos mais de perto o que se reflete através da poesia nas obras de poetas importantes tanto portugueses quanto brasileiros. Existe uma diferença sutil entre suas expressões de saudade, uma que sente a saudade pelo lado da felicidade e outra pela dor de saber-se um tempo já perdido, mesmo que em ambas a saudade seja sentida como um Bem. No Brasil, a saudade é um meio caminho de marcar o tempo, entre duas concepções tão opostas; já em Portugal, temos apenas a parte tradicional de se marcar e sentir o tempo, que entra em conflito com o tempo linear da modernidade. Ao contrário da saudade brasileira, que trafega nos dois pólos, na verdade, ela própria é a passagem entre essas duas concepções.

Devemos atentar para o fato de que a expressão da saudade nesses dois países não é estanque e inflexível como a priori poderia nos parecer através dessa argumentação. Estou trabalhando e comparando a expressão da saudade como tipos

ideais. Na verdade, as formas de se expressar à saudade nos dois países se interpenetram continuamente. Tanto Camões quanto Bilac podem expressar a saudade oposta ao que me refiro aqui. O que chamo a atenção é que há um padrão na expressão desse sentimento e que, normalmente, os brasileiros a expressam de uma forma positiva e os portugueses de uma forma negativa.

Um melhor estudo sobre essa diferença seria analisar a expressão da saudade nas músicas populares brasileiras e portuguesas. De como aparece a saudade no samba e no fado. Fica a sugestão para quem quiser entrar neste caminho.

3.6. Canto e música

O sentimento de existência que a música e o canto gera no ser humano é algo que conhecemos. Desde tempos imemoriais a música e o canto (aqui também se entendem os trovadores) foram usadas em rituais mágicos e rituais do dia-a-dia. E isso não ficou só no âmbito humano, já que no plano da natureza o canto dos pássaros era associado com as divindades, da parte do sagrado.

Para quem se lembra das *rodas*⁴⁶ brincadas na infância, existe uma no interior de Minas Gerais, onde sua característica melódica é de tema caipira, denominada Saudade⁴⁷.

Com isso, os poetas que sentiram saudade em seus poemas associaram-na ao canto e à música, já que a saudade faz parte do sagrado por ser elemento divino, sombra divina. Nos poetas que serão citados mais à frente, encontrei quem denominasse a saudade de harmonia dos deuses, ou de belo canto das aves.

O elemento divino da saudade foi exposto num tópico mais acima, mas a relação da saudade com o canto dos pássaros, e como não podia deixar de ser, com o seu vôo, será explicado mais adiante no texto. Por agora vamos nos ater à saudade como canto humano e música dos instrumentos na poesia brasileira.

⁴⁶ Brincadeira da qual participavam moças e rapazes, em fins do séc. XIX, nas capitais e cidades brasileiras. Consistia numa roda em cujo centro ficava colocado um cantor, que tirava uma quadra de cor ou de improviso, escolhendo uma do seu agrado para substituí-lo. O coro, então, sempre girando, repetia o estribilho da mesma dança. Ciranda, Nesta Rua e Sambalelê são alguns exemplos.

⁴⁷ Enciclopédia da Música Brasileira: popular, erudita e folclórica, Art Editora: Publifolha, São Paulo, 1998.

Olavo Bilac (1865-1918):

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela
Que tens o tom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!⁴⁸

Machado de Assis (1839-1908):

Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
Nas brandas cordas da lira;⁴⁹

Gonçalves Dias (1823-1864):

Dizia a letra mimosa
Saudades de muito amar;
E o infanção⁵⁰ enleado⁵¹
Atento, pôs-se a escutar.⁵²

e

Mais um pungir de acérrima saudade,
Mais um canto de lágrimas ardentes,
Oh! minha Harpa, - oh! minha Harpa desditosa⁵³,⁵⁴

Álvares de Azevedo (1831-1852):

⁴⁸ Língua Portuguesa.

⁴⁹ Sinhá.

⁵⁰ Antigo título de nobreza, inferior a fidalgo ou a rico-homem.

⁵¹ Enredado, entrelaçado, atônito.

⁵² O soldado espanhol, V.

⁵³ Infeliz, desafortunado.

⁵⁴ Ao Doutor João Duarte Serra.

Amor! amor! meu sonho de mancebo!

Minha sede! meu canto de saudade!⁵⁵

Temos os dois primeiros poemas associando a saudade com os instrumentos musicais. De todos os instrumentos é a lira que ganha destaque. Já Gonçalves Dias escolhe a harpa, pela sua harmonia. E harmonia aqui é entendida como positividade, ao contrário do que seria o simples barulho, sem escala e harmonia, ou seja, tudo aquilo que faz a música ser o que é. Por isso que no poema propriamente dito, a harpa está desditosa aos ouvidos, já que vem de um canto de lágrimas ardentes. Uma trova portuguesa, ao mostrar a semelhança entre as expressões de saudade, define esta característica de harmonia.

Esta palavra – saudade,
É um hino de harmonia:
Alegria que entristece,
Pesar que nos delicia.

A harmonia nos remete ao que discutimos anteriormente sobre o temor de toda sociedade com relação às trevas e tudo aquilo que seja do âmbito do desconhecido. Harmonia entendida como sincronicidade, uma determinação que estabelece uma ordem, algo contra o caos que exprime o conflito. É a harmonia que mantém longe da sociedade “às trevas”, a desordem.

A saudade também é associada ao canto de ninar, música baixa e agradável que visa embalar o menino em bons sonhos. Canto positivo e protetor. Isso aparece também nos dois países. Na poesia brasileira com Vinicius de Moraes e na portuguesa com Camões.

Vinicius de Moraes (1913-1980):

Como a criança que vagueia no canto

⁵⁵ Glória Moribunda, IV.

Ante o mistério da amplidão suspensa
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa.⁵⁶

Luís de Camões (1524-1580):

As lágrimas da infância já manavam
com ùa saudade namorada;
o som dos gritos, que no berço dava,
já como de suspiros me soava.⁵⁷

Mas estes foram exemplos de canto e música de ordem humana. A natureza também aparece representando a saudade na poesia através do canto das aves e também de seus vôos, com o suave bater de suas asas.

O pássaro é um animal que voa e, por isso, na imagem popular, esse animal ganha conotação de liberdade, de espírito livre, pois o voar em si nos remete ao além. As almas que vão para o céu voam, já as que descem para o inferno caem. Ao voar não resta limite senão o espaço. Mas não devemos esquecer também da idéia de paz que um pássaro voando nos remete, já que muitas vezes o pássaro a ser representado nas poesias tanto brasileiras quanto portuguesas é o pombo. E a pomba branca é conhecida como símbolo universal da paz⁵⁸.

No dicionário de símbolos, fácil de encontrar em qualquer sítio de busca na internet, o pássaro personifica a imaterialidade da alma, representando também a liberdade. Na Índia, esta mesma pomba branca representa a alma, enquanto para a doutrina cristã, simboliza a pureza e o espírito santo.

Em certas tribos da África a andorinha também é vista como um símbolo de pureza, pois esta ave tem a característica de não pousar no chão, com isso não

⁵⁶ Soneto de Contrição.

⁵⁷ Canção 10.

⁵⁸ Universal para quem, seria a pergunta. Quando digo universal, apenas estou afirmando os símbolos universais aceitos e compreendidos pela contemporaneidade globalizada. Não tenho a pretensão de dizer que este símbolo é universal em todos os cantos do mundo ou que um pigmeu australiano, caso reconheça o que seja uma pomba branca, a tenha sob o mesmo signo que nós.

sujando seus pés. A antropóloga Gillian Gillison relata que, para os nativos da Nova Guiné, as penas têm relação com o espírito que está voando, também simbolizando um nascimento⁵⁹. Existem também representações medievais em que a alma deixa o corpo do morto na forma de um pássaro. E lembremos que não só os pássaros usam asas para voar. Também temos os anjos, dotados de asas como as aves, mas de origem divina. O anjo é o mensageiro entre o plano divino e o terrestre, carregador de uma mensagem positiva do poder divino. Servem tanto para castigar quanto para santificar. Mais um ponto de sua ambigüidade como mediador. Um ser que poderia muito bem estar carregando em seu bojo, ao invés da mensagem de Deus, muitas saudades, já que a saudade pode ser entendida como uma espécie de mensagem divina.

O pássaro sendo retratado como alma nos remete à concepção de alma exposta mais acima no pensamento de Durkheim. A alma sendo a parte divina do ser humano enquanto o corpo seria a parte profana da relação. Engraçado notar que a andorinha, que nunca pousa ao chão, detém a simbologia da pureza, pois se o pássaro é considerado um mediador entre o céu e a terra, entre o além e o agora, é interessante constatar que este pássaro, que não vai à terra, ao lado profano da coisa, é considerado puro.

Em sua obra *Totemismo Hoje*, Lévi-Strauss⁶⁰ analisa uma curiosidade na classificação da cultura Nuer no que tange aos gêmeos. Eles são chamados tanto de pessoas quanto de pássaros, pois sendo as aves aqui também consideradas como mediadores, e sendo o nascimento de gêmeos uma manifestação do poder espiritual - e por isso são filhos de Deus, ou pessoas do Alto -; também são associados ao mundo de baixo, já que permanecem seres humanos. Ou seja, os gêmeos se confundem com a própria simbologia das aves na cultura Nuer, já que ambos são mediadores entre o mundo dos espíritos e dos humanos. Compreende-se, então, o porquê dos gêmeos serem denominados com o nome de pássaros terrestres, como a galinha d'angola.

Mas continuemos com as aves na poesia, só que agora brasileira.

⁵⁹ Revista National Geographic Brasil, Julho de 2007.

⁶⁰ Editora Vozes, Petrópolis, 1975.

Machado de Assis (1839-1908):

Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!⁶¹

Olavo Bilac (1865-1918):

Quantas vezes, em sonho, as asas da saudade
Solto para onde estás, e fico de ti perto!
Como, depois do sonho, é triste a realidade!
Como tudo, sem ti, fica depois deserto!⁶²

e

De onde ouviste o meu grito, que voava,
E sobre as asas trêmulas levava
As preces da saudade?⁶³

Gonçalves Dias (1823-1864):

O saudoso arrulhar de mansas pombas⁶⁴

Em Machado a saudade pura, a verdadeira saudade, a saudade imaculada pelos sentimentos humanos seria o canto do sabiá. Animal natural, mas de sombra divina, pois em seu canto a saudade é mais pura. Já em Bilac a saudade é trazida

⁶¹ Sinhá.

⁶² Sonho.

⁶³ Noite de Inverno.

⁶⁴ A sua voz.

pelas asas. Isso nos remete ao que foi dito anteriormente sobre a saudade ser exterior a nós. Ela está fora de nós. E aqui ela chega em sonho com o bater de asas. No segundo poema de Bilac mais uma vez temos a saudade indo com o grito do poeta que voava a carregar as preces da saudade. Divindade do sentimento carregado pelas asas de um anjo. E finalmente temos a frase de Gonçalves Dias a associar a saudade com o barulho e o bater das asas de pombas mansas. Isso nos remete ao canto de ninar. Canto baixinho e embalador, assim como o arrulhar de asas mansas, que chega devagarzinho embalando o poeta na saudade.

Não foi por acaso a escolha do sabiá pelos poetas para representar a saudade em seus poemas. Gonçalves Dias, quando estava ausente do Brasil, escreveu a famosa *Canção do Exílio*⁶⁵. A partir deste marco na poesia brasileira o sabiá começou a ser representado com toda recordação positiva do Brasil. Tal foi essa sua força que, em 2002, o sabiá-laranjeira subiu ao status de ave-símbolo nacional, pelo decreto de 3 de Outubro, no mandato de Fernando Henrique Cardoso.

E como exemplo do lado lusitano ponho uma poesia completa sobre essa íntima relação entre liberdade e saudade, retirado do cancionário de Jaime Cortezão:

Hoje eu vi uma andorinha
 Embriagar-se de luz,
 Voar, voar a doidinha...
 Por um momento supus

Que as pontas das suas asas
 Eram penas de escrever
 E o céu azul sobre as casas
 Era o papel: pus-me a ler.

Ó meu Deus! Era verdade:
 No seu voar incoerente,

⁶⁵ Somente a primeira estrofe dessa bela evocação saudosa: Minha Terra tem palmeiras/Onde canta o sabiá/As aves, que aqui gorjeiam,/Não gorjeiam como lá.

Eu soletrei, de repente,
Esta palavra: saudade.

3.7. Exterioridade e força

Se atentarmos para o provérbio popular “cada coisa em seu lugar” veremos que a saudade também se encaixa nesse pensamento. Como o termo pode ser entendido como uma coisa, um fato social para Durkheim, ou uma categoria social de sentimento, a saudade tem seu lugar e sua hora.

DaMatta (1993) afirmou ser a varanda o lugar propício para a chegada da saudade. Temos outros espaços particularmente saudosos, mas também temos o que chamarei de “momento da saudade”. O momento se diferencia do espaço ou da hora, pois são os dois juntos. É o espaço de saudade somado à hora da saudade que cria esse “momento da saudade”.

É o pôr-do-sol ou o nascer do sol. É o campo das saudades. É o oceano a brilhar um azul nas ondas saudosas! É a varanda no fim da tarde de domingo. Vamos ver como isso aparece na poesia.

Na trova brasileira:

Como é lindo o entardecer
Aqui, - fora da cidade!
O sol brinca de esconder,
Pintando o céu de saudade!

Hermínio Pereira Rocha

Na poesia brasileira

Castro Alves (1847-1871):

Por que descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?

Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?⁶⁶

Álvares de Azevedo (1831-1852):

Escuta: A lua ergueu-se hoje mais prateada nos céus cor-de-rosa do verão — as montanhas se azulam no crepuscular da tarde — e o mar cintila seu manto azul palhetado de aljôfares⁶⁷. A hora da tarde é bela — quem aí na vida lhe não sagrou uma lágrima de saudade?⁶⁸

Na poesia portuguesa

Alberto Caeiro⁶⁹:

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.
Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.⁷⁰

Agora, esse “momento da saudade” só se faz possível se a saudade própria for um sentimento exterior aos indivíduos, quer dizer, às pessoas. Embora ela seja sentida por dentro, seja da alçada da casa, íntima como um beijo e um abraço, ao contrário do aperto de mão ou da reverência japonesa, a saudade está além dos indivíduos, ela navega pelo mundo, pelos campos com o vento e aporta em nossa morada nos “momentos da saudade”, para então, depois de nos deixar saudosos e arrebatados por este sentimento, partir novamente pela janela afora em busca de

⁶⁶ Hebréia.

⁶⁷ Pérola menos fina, muito miúda e irregular; gota de água com aspecto de pérola.

⁶⁸ Eutanásia.

⁶⁹ Heterônimo de Pessoa.

⁷⁰ O Guardador de Rebanhos, XXXVI.

outras janelas ou portas abertas. É como se a saudade tivesse uma característica de exterioridade a toda pessoa que a sente, embora o sentir saudade seja da parte interior.

Isso nos remete ao que disse mais acima sobre ser a saudade um sentimento social, quem vem da sociedade para o indivíduo e este, como pessoa, reflete novamente a saudade para a sociedade. Os poetas não poderiam ser mais explícitos em sua expressão, a saudade aparecendo como estando fora de nós.

Na trova brasileira:

A saudade, que me arrasa,
Vem pelo vento da rua,
Que passa na minha casa
Depois que passa na tua!...

Aloísio Alves da Costa

Na poesia brasileira

Castro Alves (1847-1871):

Inda agora quando o vento
Lento
Traz-me saudades de então
Parece que a vejo ainda
Linda
Do fado no turbilhão⁷¹

e

Como um perfume de longínquas plagas
Traz o vento da pátria ao peregrino,

⁷¹ Manuela (Cantiga do Rancho).

Ó meu amigo! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino!⁷²

E podemos arriscar dizer que é exatamente esta exterioridade que torna a saudade um sentimento de morada divina. Se temos uma alma, também temos a saudade. Como reparou Durkheim, divino e sagrado são sinônimos, então a saudade está no âmbito do sagrado. Mas ela também possui uma duplicidade neste aspecto, pois a pessoa também pode sentir saudade de coisas ou atos profanos. Sentir saudade do sexo ou do mal, são coisas não muito difíceis de acontecer. Mas mesmo esse tipo de sentimento, acaba travestido de positividade.

A explicação de como um sentimento pode ser ao mesmo tempo exterioridade da pessoa é respondida pelo elemento divino desse sentimento. A saudade é uma bênção de Deus. Sem ela não seríamos seres humanos completos. Mesmo Camões e com isso os portugueses, que sentiram e sentem a saudade como chaga, afirmam ser este um sentimento impossível de se viver sem, depois de tê-lo sentido somente por um momento. Então, para nós, ser humano, ou seja, para ser um indivíduo completo aos olhos de nossa sociedade, sentir saudade é pré-condição.

Aqui se apresenta a saudade com toda a sua força. Um sentimento de tal magnitude não nos é estranho portar uma força, um capacidade que beira o sobrenatural. Mas como já sabemos que a saudade está no âmbito do sagrado, entendemos o porque de sua força sem medidas, sem fronteiras. Se ela não é onipotente como Deus, pelo menos contém um pouco de seu poder, já que é considerada como uma das expressões do divino.

Os poetas de ambos os países asseguram que a saudade, depois de sentida pela primeira vez, torna-se impossível desvencilhar-se de sua expressão. Depois que se conhece e se apreende o que é saudade, ela engloba a pessoa de uma forma tal que é impossível não senti-la mais ou esquecê-la. Que sua força é tamanha que levanta até os mortos de seus jazigos. Pois desafortunado é aquele que vive sem sentir saudade ou aquele que viveu e morreu sem deixar saudades. Vamos aos poetas.

⁷² Goethe.

Trova brasileira:

Embora a saudade fira
Fazendo a gente chorar,
Não creia que alguém prefira
Viver sem esse penar!

Cirema do Carmo Corrêa

Poesia brasileira

Gonçalves Dias (1823-1864):

Vem, ó Saudade, vem
A mim também
Consolar de gemidos suspirosos
E de partidos ais!
Oh! seja a punição dos insensíveis
Não te sentir jamais!⁷³

Não há régua ou balança, nada que possamos inventar poderá um dia medir a força desse sentimento. A saudade abarca a pessoa completamente, não há escapatória, alento ou forma simples e segura para livrar de seu abraço. Ela pode ser tanta que levanta defunto! Aí está o segredo para a imortalidade, sentir perpétuas saudades quando morrer e de quem morreu. Vamos ver como isso aparece na poesia brasileira.

Olavo Bilac (1865-1918):

Assim, às vezes, na amplidão silente,
No sono fundo, na terrível calma
Do Campo-Santo, ouve-se um grito ardente:

⁷³ A Saudade.

É a Saudade! é a Saudade!... E o cemitério da alma
Acorda de repente.⁷⁴

e

Tem pena de mim! tem pena
De alma tão fraca! Como há de
Minh'alma, que é tão pequena,
Poder com tanta saudade?!⁷⁵

Gonçalves Dias (1823-1864):

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa – meus dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votara-lhe a vida – que Deus me quis dar.⁷⁶

Álvares de Azevedo (1831-1852):

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!⁷⁷

Nos dois poemas de Bilac temos a força da saudade que levanta os defuntos do cemitério da alma e a fraqueza do poeta ao sentir o poder da saudade. Isso nos remete ao fato dela ser exterior ao indivíduo, senão o rasgaria por inteiro tamanha sua força. Em Gonçalves Dias a saudade levanta o poeta já morto. Morto e revivido

⁷⁴ Campo Santo.

⁷⁵ Velha Página.

⁷⁶ Se eu fosse querido.

⁷⁷ Se eu morresse amanhã.

pela enorme saudade da amada. E em Álvares de Azevedo mais uma vez se apresenta a força desse sentimento, pois a mãe do poeta morreria de saudade pela morte precoce do poeta.

Aqui volta o tema já analisado da presença dos ausentes. Sentimento capaz de re-viver os mortos. Apenas mais dois poemas de poetas brasileiros para reafirmar esta faceta da saudade.

Olavo Bilac (1865-1918):

Sei que um dia não há (e isso é bastante
A esta saudade, mãe!) em que a teu lado
Sentir não julgues minha sombra errante,
Passo a passo a seguir teu vulto amado.⁷⁸

Vinícius de Moraes (1913-1980):

Da saudade de seu pai
Susana foi de avião
Com quinze dias de idade
Batendo todos os recordes⁷⁹

Tanta força que na hora da morte o que nos vem não é o medo, mas a saudade do que se viveu, ou para ser mais explícito, da própria vida em si, do viver. Foi em uma entrevista feita um dia antes de sua morte, que Vinícius, sendo perguntado: "Você está com medo da morte?", respondeu: "Não, meu filho. Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades da vida".

⁷⁸ A minha mãe.

⁷⁹ Balada do Cavalão.

3.8. A casa da intimidade

Acabamos de ver a exterioridade da saudade. Sentimento que existe fora de nós. Mas isso nos soa um pouco contraditório já que o sentimento é algo que aprendemos ser do interior da pessoa, que vem de dentro. Isso não ocorre diferente com a saudade. Na poesia brasileira ela aparece representada como um beijo. Ação que demonstra carinho e mais intimidade do que um abraço ou um aperto de mão. Atitude do amigo íntimo, dos namorados, dos membros da família.

Olavo Bilac (1865-1918):

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijo de três saudades,
Flor amorosa de três raças tristes⁸⁰

Com essa particularidade da saudade nos soa tão familiar a relação da saudade com o elemento feminino. Claro que o leitor pode responder que a saudade é retratada como mulher por causa das regras gramaticais de nossa língua; mas acredito ser mais do que isso. O beijo, embora masculino para essas mesmas regras, tem uma conotação feminina em nossa sociedade. Por isso que a saudade, embora feminina, possa ser representada pelos beijos. Vejamos como aparece esse lado feminino na poesia brasileira.

Gonçalves Dias (1823-1864):

Ò Saudade, ó rainha do passado,
Simelhas a romântica donzela
De roupas alvejantes
Nas ruínas de castelo levantado⁸¹

⁸⁰ Música Brasileira.

⁸¹ A Saudade.

Aqui, a saudade não é retratada como uma simples mulher, mas sim como rainha. Pela força desse sentimento a saudade não poderia ser comparada a uma camponesa ou uma dona de casa. A rainha é única. Somente existe uma rainha por reino, ao contrário das camponesas, e caso não haja um rei no poder, a rainha passa a deter um poder tão superior quanto de seu soberano marido.

Essa associação com a rainha, ao contrário de ser apenas reflexo do elemento feminino da saudade, nos remete ao lado da casa na proposta para se compreender o Brasil de DaMatta (1997). A casa e a rua são os pólos de uma mesma totalidade. A rua seria o lado impessoal e igualitário das leis, sendo modificada muitas vezes pela casa, que seria o lado pessoal e hierarquizado que trata tudo como patrimônio familiar. A rua representando o espaço público das leis e sua igualdade e a casa como o espaço privado, onde as leis não caberiam valer, havendo a prevalência da hierarquia tradicional.

A saudade está do lado da casa. A casa é feminina por excelência, espaço da mulher, onde a dona de casa manda. O homem está mais ligado à rua, ao trabalho, ao bar. O homem freqüenta e domina muitos dos espaços urbanos associados a rua, já a mulher domina plenamente um deles: o espaço da casa⁸². Reina nesse espaço como rainha, seja a rainha Vitória da Inglaterra, que reinou com punho de ferro sem a ajuda masculina de um rei, ou de Cleópatra, última rainha do Egito.

Então a saudade seria um tempo mais que desejado; um tempo querido, assim como o amado. Como disse mais acima e repito aqui, mais um tempo de pessoas e de milagres do que um tempo de processos impessoais e máquinas; um tempo de dentro; quente; querido; desejado e da casa.

⁸² Para uma maior profundidade do assunto ver o livro *Carnaval, Malandros e Heróis e A Casa e a Rua*, ambos do antropólogo Roberto DaMatta.